

A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E PENSAMENTO: DO SISTEMA DA LÍNGUA AO SISTEMA DO DISCURSO

MATEUS ROCHA CAMARGO¹; DAIANE NEUMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – mateusrcamargo1@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – daiane_neumann@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo encontra-se dentro dos projetos “Retorno a Saussure: releituras” e “Émile Benveniste e uma abertura para uma antropologia histórica da linguagem” e tem como proposta trazer reflexões e discussões acerca do papel basilar da língua frente ao pensamento (passando pelo signo linguístico até chegar ao discurso), a fim de questionar como se dá essa relação, segundo seja estabelecida, vislumbrando a língua como sistema e como discurso.

Num primeiro momento investigaremos quais foram as ideias levantadas pelos nossos dois autores de base, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, acerca da relação pensamento/língua (com Saussure) e pensamento/língua-discurso (com Benveniste). E mais adiante abordaremos de forma rápida a constituição do signo linguístico, sem perder de vista sua relação intrínseca com o valor e sistema, até chegarmos ao nível do discurso. No que tange a este último - o discurso -, assim como feito em Laplantine (2018), estabeleceremos um diálogo entre o linguista já citado Benveniste e o linguista e antropólogo Edward Sapir.

É justo que se faça aqui uma menção ao artigo da professora Renata Trindade Severo, intitulado “Língua e linguagem como organizadoras do pensamento em Saussure e Benveniste”, que serviu como suporte e inspiração para nossa pesquisa. A autora, em seu artigo, além de discutir o papel da língua, versa sobre outras possíveis formas de mediação entre a expressão e o pensamento. Porém, esse não será o foco do nosso trabalho. Nos propomos aqui a refletir apenas sobre o pensamento e o sistema linguístico, em seu domínio semiótico (o do signo) e em seu domínio semântico (o do discurso).

2. METODOLOGIA

Toda nossa pesquisa, que ainda se encontra em fase de desenvolvimento, é dada através de uma leitura atenta das obras *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, livro fundador da linguística moderna, e *Problemas de Linguística Geral* I e II do linguista sírio Émile Benveniste, que levou adiante os estudos de Saussure até o campo do discurso. Ademais, em um segundo momento do trabalho, pretendemos lançar-mos da leitura de *Linguística como ciência*, de Edward Sapir. A pesquisa buscará auxílio ainda em Severo (2013) e Laplantine (2008).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ambos os autores, Saussure e Benveniste, trazem reflexões parecidas sobre o fundamental papel que a língua exerce no pensamento, conforme veremos. O genebrino, Ferdinand Saussure, diz que o pensamento é uma nebulosa em que nada está delimitado, onde não há ideias preestabelecidas, onde nada é distinto antes do aparecimento da língua (SAUSSURE, 2012). É ela, a língua, que faz um recorte entre o pensamento, que é caótico por natureza, e o som, fazendo o processo de decompor a nebulosa do pensamento em formas distintivas, articuladas, transmissíveis (SAUSSURE, 2012). E é a partir desse recorte que nasce o signo linguístico, uma unidade psíquica constituída da união de um conceito (ideia) com uma imagem acústica (som psíquico).

Não muito distante de Saussure, o sírio Émile Benveniste diz que a língua dá a sua forma ao conteúdo do pensamento, que, sem ela, seria uma obscura volição (BENVENISTE, 2020). O pensamento, conforme Benveniste (2020, p. 77-78) “recebe forma da língua e na língua, que é o molde de toda expressão possível; não pode dissociar-se dela e não pode transcendê-la”. Ainda, mais a frente, continua: “De outro modo o pensamento se reduz se não a nada, pelo menos a algo de tão vago e de tão indiferenciado que não temos nenhum meio de aprendê-lo como conteúdo” (p.78).

Benveniste, fazendo de Saussure um aparato sólido para continuar os estudos acerca da língua, procura pensar não só no signo linguístico (que é a unidade em torno da qual giram os estudos de Saussure), mas, indo além, chegando ao nível do discurso. O linguista sírio faz uma importante separação entre o que seria o domínio do signo e o que seria o domínio do discurso. Benveniste chama o primeiro domínio de “semiótico” e o segundo de “semântico”. Vejamos o que diz o autor sobre o primeiro domínio:

O semiótico designa o modo de significação que é próprio de SIGNO linguístico e o que o constitui como unidade. Pode-se, para efeito de análise, considerar as duas faces do signo, mas sob a relação de significância, ele é uma unidade, e se conserva como unidade. A única questão que um signo suscita para ser reconhecido é o da sua existência, e esta se decide por sim ou não. (BENVENISTE, 1989, p. 64-65).

Portanto, tratando-se de unidades distintivas, o único trabalho a ser feito, grosso modo, será identificar cada unidade, descrever suas marcas distintivas e perceber os critérios de distintividade (BENVENISTE, 1989).

No entanto, como passar da unidade do semiótico para o global em que há no discurso? Esta é a mesma pergunta que Benveniste se faz, pois o discurso não é simplesmente um conjunto de sucessivas unidades que vão ser identificadas uma a uma, separadamente, tal como é o mundo semiótico. O sentido do discurso, ao contrário do signo, é compreendido globalmente, concebido somente no conjunto (BENVENISTE, 1989):

O semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso), deve ser COMPREENDIDO. A diferença entre reconhecer e compreender envia a duas faculdades distintas do espírito: a perceber a identidade entre o anterior e atual, de uma parte, e a perceber uma significação nova de outra. (BENVENISTE, 1989, p.66)

Uma vez que a massa amorfa do pensamento ganha forma na língua, e que o conteúdo se distingue em signos, e que os signos se colocam para o enunciado, é interessante pensarmos em como cada falante, de diferentes sociedades, pode transmitir o conteúdo do pensamento em seu discurso, que é sempre particular. Porque, como sabemos, a sociedade se encontra inserida na língua (BENVENISTE, 1989), e cada povo irá configurar um olhar diferente sobre o mundo. Assim, conforme Benveniste (2020), qualquer língua comportará suas características particulares que as distinguem das outras, porém, de modo nenhum isso as faz perder sua coerência, pois ainda que haja características próprias, todas as línguas agem como sistema, obedecendo um plano específico, sendo articuladas por um todo de relações que contêm certa formalidade (BENVENISTE, 2020)

Edward Sapir, linguista e antropólogo, embora tenha notado as diferentes configurações das línguas nos diferentes povos, sempre esteve atento para o fato de que é claramente possível expressar, em qualquer língua, qualquer ideia a partir pensamento, seja lá qual for e como for:

[...] podemos dizer que toda língua está de tal modo construída, que diante de tudo que um falante deseje comunicar, por mais original ou bizarra que seja a sua ideia ou a sua fantasia, a língua está em condições de satisfazê-lo. [...] O mundo das formas linguísticas, que se apresenta dentro dos quadros de uma língua dada, é um sistema completo de referências [...].(SAPIR, 1961, p. 33-34)

Por fim, em harmonia com Sapir, encerremos com a seguinte afirmação de Benveniste:

O pensamento chinês pode muito bem haver inventado categorias tão específicas como o *tao*, o *yin* e o *yan*: nem por isso é menos capaz de assimilar os conceitos da dialética materialista ou da mecânica quântica sem que a estrutura da língua chinesa a isso se oponha. Nenhum tipo de língua pode por si mesmo e por si só favorecer ou impedir a atividade do espírito. (BENVENISTE, 2020, p. 88)

4. CONCLUSÕES

Embora a presente pesquisa se apresente ainda como um projeto, por se encontrar em estágio inicial, podemos destacar que a língua (tanto em seu domínio semiótico quanto em seu domínio semântico), como um dos mediadores (ou único mediador) entre o pensamento e a expressão, exerce uma função basilar para o homem, agindo na sua própria constituição como ser humano. O próprio pensamento parece clamar por ela a fim de roubar-lhe o poder da significação e conseguir se organizar (em signos) e se expressar (em discurso).

É importante mencionarmos que esta pesquisa pretende continuar a investigar pormenorizadamente, através das leituras já citadas, como se dá essa relação pensamento/língua para que haja, assim, um maior entendimento da língua frente pensamento no que tange à sua relação com o sistema da língua ou com o sistema de discurso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 2020.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.

SEVERO, R.T. Língua e linguagem como organizadoras do pensamento em Saussure e Benveniste. **Entretextos**, Londrina, v.13, n.1, p. 80 - 96, 2013.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: 1961.

Laplantine, C. **Emile Benveniste: poétique de la théorie**. 2008. Dissertação (Doutorado em Prática e Teoria dos Sentidos) – Curso de Pós-graduação em Prática e Teoria dos Sentidos, Université Paris 8. Vincennes – Saint-Denis.